

Managing Technical Debt

Resenha feita por Guilherme de Almeida Santos

O artigo “Managing Technical Debt” (Gerenciando a Dívida Técnica), de Steve McConnell, Engenheiro-Chefe de Software da Construx Software, oferece uma análise aprofundada do conceito de dívida técnica, termo criado por Ward Cunningham para descrever o custo futuro decorrente de decisões de design ou implementação que priorizam rapidez em detrimento da qualidade. McConnell diferencia a Dívida Não Intencional (resultante de baixa qualidade) da Dívida Intencional (assumida estrategicamente por prazos ou necessidades de negócio) e discute o “serviço da dívida”, isto é, os custos contínuos de manutenção associados. O autor também propõe formas de tornar essa dívida mais transparente, utilizando analogias financeiras para facilitar a comunicação com stakeholders e enfatizando que, embora nem toda dívida seja negativa, a maturidade de uma organização em gerenciá-la determina se ela será um investimento estratégico ou um obstáculo ao desenvolvimento sustentável.

No desenvolvimento de sua análise, McConnell diferencia a dívida técnica entre a Não Intencional (Tipo I), fruto de baixa qualidade e falta de estratégia, e a Intencional (Tipo II), assumida de forma consciente por motivos estratégicos, como acelerar o lançamento de um produto ou adiar custos. O autor destaca que a Dívida Tipo II pode ser de Curto Prazo (reativa e tática) ou de Longo Prazo (proativa e estratégica), sendo esta última potencialmente benéfica quando bem controlada. McConnell defende que assumir dívidas pode gerar vantagem competitiva, desde que seja feito com clareza e planejamento, como no caso das dívidas focadas de curto prazo e dívidas estratégicas de longo prazo, enquanto dívidas dispersas e descontroladas devem ser evitadas. O autor propõe ainda práticas de transparência e gestão contínua, como registrar dívidas no backlog e tratá-las como histórias do Scrum, além de incorporar o “serviço da dívida” ao fluxo de trabalho para evitar a perda de produtividade. Por fim, amplia o processo decisório ao apresentar o “terceiro caminho” o “rápido, mas não sujo”, que equilibra agilidade e qualidade, consolidando a dívida técnica como um instrumento estratégico de gestão, e não apenas um problema a ser eliminado.

O artigo conclui que a dívida técnica não deve ser vista apenas como um problema a ser eliminado, mas como um instrumento estratégico de gestão quando assumida de forma consciente e controlada. Ao traduzir conceitos técnicos complexos para a linguagem financeira, McConnell possibilita uma comunicação mais clara entre equipes de desenvolvimento e stakeholders, promovendo decisões equilibradas entre prazo, qualidade e custo. Sua categorização detalhada da dívida, distinguindo entre a intencional e a não intencional, e valorizando apenas as dívidas focadas e estratégicas, oferece uma estrutura prática para orientar escolhas de engenharia. A ênfase na transparência e no rastreamento contínuo da dívida reforça a importância de tratá-la como um passivo mensurável e gerenciável, evitando que comprometa a produtividade a longo prazo. Por fim, a proposta do “Caminho Rápido, mas Não Sujo” amplia a visão tradicional sobre o desenvolvimento de software,

mostrando que é possível conciliar agilidade e sustentabilidade técnica. Assim, McConnell transforma a metáfora da dívida técnica em uma ferramenta de governança e tomada de decisão, essencial para organizações que buscam maturidade e eficiência em seus processos de desenvolvimento.